

Ética e Estética em *Do Natal, Dez Histórias Impopulares*, de Vasco Branco¹

João de Mancelos

(Universidade Católica Portuguesa)

Palavras-chaves: Vasco Branco, Natal, intervenção, contos

Keywords: Vasco Branco, Christmas, intervention, short stories

Não desceram pela chaminé, não chegaram em dezembro, nem vinham vestidos de vermelho. Porém, deixaram no sapatinho a solidariedade entre criadores (textos de Vasco Branco, desenhos do mestre Júlio Resende) para com as crianças vítimas da peste do século: a SIDA. Uma dezena de contos ilustrados foi o pretexto para este antecipado abraço natalício, em junho, a provar que a cooperação não espera pela neve quando a urgência suplanta a pontualidade.

Desde criança, sempre achei profundamente injusto que os Antípodas, os tais homenzinhos que mercê da força gravitacional e da maçã de Newton, caminham de cabeça para baixo, sem caírem num qualquer vazio, não tivessem neve, trenós ou meias de lã onde armazenar os embrulhos do mistério. Porém, pouco há de azevinho nestas histórias que Branco nos oferece ao pensamento, ou não se apelidassem elas de impopulares.

O conto moderno, de Chekhov a Maupassant, de Katherine Mansfield a Joyce, de Virginia Woolf a Luís Borges é um fenómeno internacional, com raízes na oralidade. Ainda hoje, em zonas do Portugal profundo, além-Marão ou interiores, no oeste da Irlanda, na Índia ou na África tribal, as narrativas de pequena extensão são tão usuais quanto as urbanas anedotas (termo que vem do grego *anecdota*, com o significado de coisa não publicada). Nos nossos dias, e apesar de alguma tendência regressiva, a história já não lida com o invulgar ou o inverosímil. O método de Scheherazade, que nas *Mil e Uma Noites* entretinha o sultão com contos do inusitado, cedeu lugar a uma literatura em que se preza mais o incidente, a sageza do narrador e a capacidade interpretativa de quem lê.

Também os contos de Vasco Branco se centram em comuns momentos de carácter episódico da existência mundana, incidentes possíveis, reduzidos, ocasionalmente, ao fragmento. As raízes desta escolha poderão estar no olhar cinematográfico de Vasco Branco, que imagina e descreve ações como cenas ou *takes*. Que poderá haver de mais oral que um diálogo

¹ Mancelos, João de. "Ética e estética em *Do Natal, Dez Histórias Impopulares*, de Vasco Branco". *Vasco Branco: Vida Literária*. Org. Rosa Maria Oliveira. Aveiro: Câmara Municipal de Aveiro, 1999. 61-64. ISBN: 972-9137-45-5.

entre vagabundos apátridas, os sem-abrigo, com que se abre a coletânea? Ou o roteiro dramático e efêmero de *O Trapezista*, ao longo de um dia?

A intemporalidade possível marca também esta produção. Recupero, de *À Procura de um Homem*, estas linhas: “Que ano? Interessa? Talvez se vivesse o ano trezentos e cinquenta antes da nossa era. (...) Quantos anos, os do seu arrasto penoso e inglório? Perdera-lhe a conta” (p. 51). A falta de referência ao lugar, está presente no conto de partida, ou em *A Espera*. E de onde serão os vagabundos cosmopolitas de *Pai Natal*, geminados na sua miséria com as personagens de *O Milagre*? Poderá ser característico de algum país o duelo de silêncio travado entre os cônjuges de *Perdido*?

Nesta aceção, Vasco Branco procura um distanciamento das coordenadas cronológicas e físicas, mostrando que os enredos poderiam suceder em qualquer parte. À maneira de uma mão-cheia dos *Contos Exemplares*, de Sophia, ou de certas histórias da fase mais existencialista de Urbano Tavares Rodrigues. Esta demarcação pode sugerir uma visão global do humano, ligado por mais laços que muros. O que de comum temos, o que ultrapassa a cor da pele, o estatuto ou a ideologia, é o sermos *humanos*, constituídos de idêntica matéria cósmica e afinidades.

A identificação do espaço só é revelada ao leitor quando se trata de contrastar a existência de certos indivíduos com os avanços da era cibernética:

Ossos que atravessam a pele e são outros tantos dedos apontando a nossa indiferença. E isto em toda a parte e neste nosso mundo de hoje. Mundo de foguetões, de submarinos atómicos, de mísseis de toda a ordem, das viagens interplanetárias, dos supermercados mamute. (p. 16)

Tal estratégia reveste os episódios de uma poesia intrínseca aos enredos das histórias tradicionais: um príncipe qualquer, uma donzela sem nome, um cavaleiro banido, etc. A esta galeria opta o autor por juntar os vagabundos característicos, o casal comum, o menino vulgar ou o artista diletante, por exemplo. Trata-se de uma escrita que intervém no mundo atual, de um compromisso com o ser humano e as suas lutas.

A diferença acontece quando o narrador, ao invés de nos oferecer relatos plurissignificativos, páginas abertas às interpretações do leitor, opta por apresentar considerações morais ou filosóficas de sua lavra. Um bom exemplo encontra-se no conto *Queria Que Deixasses no Sapatinho*:

(...) eu, Pai Natal, queria que deixasses no meu sapatinho (estamos tão carecidos disso...), no calçado de todos os portugueses que ainda fingem acreditar em ti, não mais heróis do mar, não mais brinquedos

eletrónicos, não mais livros de poetas de esperança, mas apenas e só, um simples (e nem que seja pequeno) atado de autênticos heróis da terra. (p. 22)

O narrador faz o apanágio da gente comum, que sobrevive na partilha do pão amargo, um paradoxo numa sociedade de materialismo e abundância; realça as palavras de intervenção, por contraste com a escrita de mero deleite; entabula conversa com Luís Vaz de Camões, Dom Sebastião e Fernando Pessoa, para recordar que se cumpriu o oceano, mas falta justificar a terra. Mais do que moralizar, Branco defende que a literatura deve ser protagonista na denúncia ou, como salienta a epígrafe da obra “o silêncio é uma forma de demissão”, uma máxima de Roland Barthes.

Tal espírito insere-se na longa tradição da literatura interventiva. António Gedeão apelava, no poema “Enquanto”: “Abaixo o mistério da poesia”; Nos *Contos exemplares*, de Sophia Andresen, o rei Gaspar perguntava: “Que pode crescer dentro do tempo senão a justiça?”; Jorge de Sena afirmava, em “Carta a meus filhos sobre os fuzilamentos de Goya”: “Tudo é possível, / ainda quando lutemos, como devemos lutar, / por quanto nos pareça a liberdade e a justiça, / ou mais que qualquer uma delas uma fiel / dedicação à honra de estar vivo”. São palavras que poderiam ser dedicadas a Vasco Branco, pois o autor soube combinar ética e estética, em *Do Natal, Dez Histórias Impopulares*, ao defender desassombradamente os mais desfavorecidos.

Resumo

Neste texto crítico, abordo a obra *Do Natal, Dez Histórias Impopulares* (Aveiro: Lions Clube de Santa Joana Princesa, 1994), que compreende contos de Vasco Branco e desenhos de Júlio Resende. Examino aspetos como a intemporalidade do conto, a importância da literatura de intervenção e o aspeto didático destas histórias. Para tanto, convoco as narrativas da obra em estudo, e ainda palavras de poetas maiores, como Sophia Andresen, António Gedeão ou Jorge de Sena.